

Pública Dívida interna não preocupa O GLOBO 15 ABR 1977 diretor do Banco do Brasil

SÃO PAULO (O GLOBO) — A dívida pública interna, que está atualmente no redor de Cr\$ 150 bilhões, não constitui motivo de preocupação para o Diretor Financeiro do Banco do Brasil, Carlos Brandão. Durante almoço com a Associação das Sociedades Corretoras do Estado de São Paulo, o Diretor do BB explicou que não tem fundamento as preocupações manifestadas por analistas econômicos sobre o endividamento dos Estados e suas dificuldades em resgatar papéis emitidos nos últimos anos para captar recursos no mercado interno.

“Pelo contrário — salientou Brandão — seria bom que a dívida interna aumentasse ainda mais porque assim teríamos um crescimento econômico cada vez mais sólido”. Em seguida, lembrou que nos Estados Unidos a dívida pública corresponde a cerca de 45 por cento do Produto Interno Bruto e que, no Brasil, alcança pouco mais de 10 por cento.

No vencimento dos títulos da Dívida Pública, segundo o Diretor do BB, não há necessidade de se promover o resgate, mas deve-se sobretudo realizar novas emissões, abrindo novas dívidas para liquidar as primeiras. O que é preciso, segundo ele, é girar a dívida e para isso reconheceu que é necessá-

rio fortalecer os mecanismos do open market.

Modificações na 366

Carlos Brandão confirmou que a Resolução 366 que disciplinou o open market no ano passado, introduzindo, entre outras medidas, a proibição para as cartas de recompra, poderá ser amenizada nos próximos dias. Essas modificações não serão todavia de grande alcance, devendo limitar-se a um liberalismo maior nas taxas dos papéis de renda fixa e o retorno ao sistema de cartas de recompra, provavelmente para os papéis do Tesouro Estadual.

Ao destacar a importância do fortalecimento das instituições intermediárias do open market, o Diretor do BB afirmou que “se o nosso mercado de dinheiro não se consolidar firmemente nos próximos anos, dificilmente o citado modelo em que a livre empresa ocupa o lugar central, deixará de apresentar distorções indesejáveis”.

Carlos Brandão destacou as conquistas alcançadas, nos últimos anos na montagem de mecanismos para incentivar a poupança interna. Nesse sentido destacou a expansão de alguns haveres financeiros nos últimos quatro anos. Esses foram os principais dados apresentados:

Setores	Cr\$ milhões	
	31/12/72	31/12/76
Letras de Câmbio ...	20.973	68.392
Patrimônio dos Fundos		
Fiscais 157	1.437	5.816
Fundo Mútuos	2.109	1.518
Títulos da Dívida Pública Federal	26.180	154.661
Registro de Ações para oferta pública ...	3.609	6.962
Depósitos a prazo ...	17.017	73.132

Carlos Brandão manteve um diálogo bastante animado com os empresários paulistas que denunciavam o esvaziamento do mercado financeiro de São Paulo, porque a maioria das operações se realiza no Rio de Janeiro. O Diretor do BB, após opinar que os cariocas certamente gostariam de trocar o dinamismo de seu mercado financeiro pela pujança econômica de São Paulo, reconheceu que o fortalecimento do open no Rio foi proposital, mas também contou com condições naturais favoráveis.

“No Rio — explicou — as operações que se processam entre as instituições financeiras movimentam apenas 20 por cento de recursos locais. Os restantes 80 por cento são de outras praças. Como os clientes não estão presentes, os negócios ficam menos tumultuados”.